



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

JOSEFA FERNANDA RODRIGUES CORREIA

**A REPRESENTAÇÃO DA MASCULINIDADE EM O QUINZE: CHICO BENTO
COMO TIPO REGIONAL**

**CAJAZEIRAS-PB
2015**

JOSEFA FERNANDA RODRIGUES CORREIA

**A REPRESENTAÇÃO DA MASCULINIDADE EM O QUINZE: CHICO BENTO
COMO TIPO REGIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa, do Centro de Formação dos Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Letras – Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Nelson Eliezer Ferreira Júnior.

**CAJAZEIRAS-PB
2015**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva Lourenço- Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

C824r Correia, Josefa Fernanda Rodrigues
A Representação da Masculinidade em o Quinze: Chico Bento
como Tipo Regional. / Josefa Fernanda Rodrigues Correia.
Cajazeiras, 2015.
37f.
Bibliografia.

Orientador (a): Prof. Dr. Nelson Eliezer Ferreira Júnior.
Monografia (Graduação) - UFCG/CFP

1. Romance Brasileiro. 2. Literatura Brasileira (regionalismo). 3. O
Quinze. 4. Literatura Regional - Representação Masculina. 5. Chico
Bento. I. Júnior, Nelson Eliezer Ferreira. II. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU – 82-31 (81)

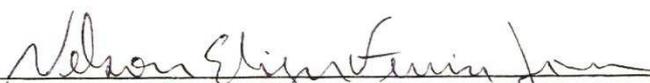
JOSEFA FERNANDA RODRIGUES CORREIA

**A REPRESENTAÇÃO DA MASCULINIDADE EM O QUINZE: CHICO BENTO
COMO TIPO REGIONAL**

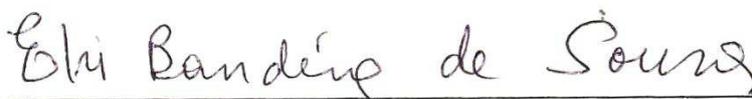
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Letras – Língua Portuguesa, do Centro de
Formação dos Professores, da
Universidade Federal de Campina
Grande, como requisito parcial para
obtenção do título de licenciada em Letras
– Língua Portuguesa.

Aprovado em: 08/12/2015

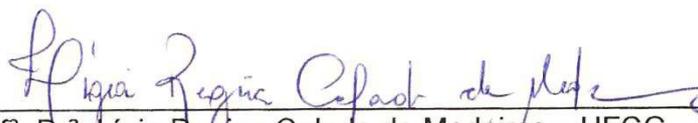
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Nelson Eliezer Ferreira Júnior - UFCG – CFP – UAL
Orientador



Prof. Dr. Elri Bandeira de Sousa - UFCG – CFP – UAL
Examinador



Prof^a. Dr^a. Lúcia Regina Calado de Medeiros – UFCG – CFP- UAL
Examinadora

Aos meus pais Manoel e Cicinha, os meus “primeiros professores”.

Aos meus irmãos Denise e Rafael pelo carinho, atenção e por acreditarem em mim.

Aos meus tios Sebastião, Antônio, Creusa que me apoiaram muito.

Ao meu namorado Gilvânio que sempre me incentivou nos estudos.

DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Manoel e Cicinha, pela educação que me deram e pelo incentivo desde cedo.

Aos meus familiares que de forma indireta contribuíram para esta realização.

Aos meus amigos pela compreensão e encorajamento nesta fase. Em especial a Eliziana, Tânia e Hérica pelo carinho.

Aos meus colegas pela ajuda e contribuição para a troca de conhecimentos durante o curso, e pelas suas amizades.

Ao meu orientador Dr. Nelson Eliezer Ferreira Júnior, pela atenção e dedicação ao meu trabalho.

Aos professores Dra Lígia Regina Calado de Medeiros e Dr. Elri Bandeira de Sousa, por aceitaram o convite de participar da banca como examinadores.

Aos demais professores que no decorrer da minha vida estudantil contribuíram para meu crescimento.

Enfim, a todos que ao decorrer da minha vida me influenciaram pela realização deste trabalho.

Exaltação ao Nordeste

Eita, Nordeste da peste,
Mesmo com toda seca
Abandono e solidão,
Talvez pouca gente perceba
Que teu mapa aproximado
Tem forma de coração.
E se dizem que temos pobreza
E atribuem à natureza,
Contra isso, eu digo não.
Na verdade temos fartura
Do petróleo ao algodão.
Isso prova que temos riqueza
Embaixo e em cima do chão.
Procure por aí a fora
"Cabra" que acorda antes da aurora
E da enxada lança mão.
Procure mulher com dez filhos
Que quando a palma não alimenta
Bebem leite de jumenta
E nenhum dá pra ladrão
Procure por aí a fora
Quem melhor que a gente canta,
Quem melhor que a gente dança
Xote, xaxado e baião.
Procure no mundo uma cidade
Com a beleza e a claridade
Do luar do meu sertão.

Luiz Gonzaga de Moura

RESUMO

Tendo, na literatura regional, tipos nordestinos, o presente trabalho objetiva mostrar esses tipos e suas representações no romance **O Quinze** da escritora Raquel de Queiroz, destacando, na caracterização do personagem Chico Bento, a figura do retirante do sertão, castigado pela seca. Para embasamento desta pesquisa utilizamos como teóricos: Albuquerque Júnior (2013), que demonstra a mudança social ocorrida no gênero masculino especialmente no Nordeste; Oliveira (2004), que enfatiza as condições sociais sobre o gênero masculino em diversos contextos; e Freyre (1987), que aborda a importância de obras regionais como aspectos importantes para o crescimento do regionalismo. Assim, as representações aqui enfatizadas demonstraram aspectos característicos dos tipos nordestinos. Com a análise do personagem Chico Bento e sua caracterização submissa, se enfatizou a representação dos tipos vaqueiro e retirante principalmente.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Regional. Masculinidade. O Quinze. Chico Bento.

ABSTRACT

Having northeastern types in regional literature, this work discusses these types and their social representations in the novel *O Quinze* (The Fifteen) of the writer Rachel de Queiroz, emphasizing in Chico Bento character the hinterland migrant figure, punished by drought. As foundation for this research, we used theorists, such as: Albuquerque Junior (2013), who shows the social change that occurred in the male gender and Northeast, and the importance of the northeastern man to society; Oliveira (2004), who emphasizes the social conditions of the male gender in different contexts; and Freyre (1987), who addresses the importance of regional works as important aspects for the growth of regionalism. Thus, the representations here emphasized demonstrated characteristic features of the northeastern types. With the analysis of the character Chico Bento and his submissive characterization, it was emphasized the representation of the cowboy and, mainly, of the migrant.

KEYWORDS: Regional Literature. Masculinity. *O Quinze*. Chico Bento.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 APONTAMENTOS SOBRE GÊNERO E VIRILIDADE NO NORDESTE	13
1.1 TIPOS NORDESTINOS.....	15
2 ROMANCES REGIONALISTAS NORDESTINOS	21
2.1 ALGUNS TIPOS NORDESTINOS REPRESENTADOS EM OBRAS REGIONAIS NORDESTINAS.....	22
3 A REPRESENTAÇÃO DO GÊNERO MASCULINO EM CHICO BENTO	27
3.1 ENREDO E FOCO NARRATIVO	27
3.2 CHICO BENTO EM SUA REPRESENTAÇÃO COMO RETIRANTE	29
3.3 A CARACTERIZAÇÃO DO HOMEM TELÚRICO NO PERSONAGEM CHICO BENTO.....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	37

INTRODUÇÃO

A sociedade brasileira, até meados do século XIX, sempre teve por excelência aspectos que abrangiam o poder do homem masculino. Desde tempos antigos, o gênero masculino detinha direitos que não eram permitidos ao feminino. No entanto com o começo da chegada de tempos modernos, que influenciava a revolução da indústria, da libertação dos negros e dos direitos femininos¹, o gênero masculino acabaria também por transformar-se em contato com esta nova configuração social, cheia de novos conceitos. Ainda neste século, a influência destas manifestações atingiria bruscamente o ideal social masculino, sobretudo sua essência viril, que antes seria signo de detenção de poder. Surge, em sociedades atreladas aos valores patriarcais, como no Nordeste, o temor da “reversão de valores”: sensação de perda de poder dos homens, agora ameaçados pela emergência do movimento feminista.

Na tentativa de uma configuração “justa” entre os gêneros, Oliveira (2004, p.71) observa que “para que [o masculino] fosse valorizado, seria necessário realizar uma operação inversa em que o feminismo fosse, explicitamente ou não, posto em segundo plano, visto como algo menor, inferior, subalterno.” Nesta tentativa de retomada do poder social por parte dos homens, especialmente no Nordeste, buscou-se o resgate de modelos de virilidade tradicionais, os quais poderiam trazer de volta a ênfase ao viril, considerado a base da ordem patriarcal. O Nordeste fora nessa época uma das regiões menos desenvolvidas e por isso a chegada de novos costumes e mudanças era retardada, os aspectos viris de homens fortes foram sempre conservados na vida do sertão, identificando-se assim os tipos regionais que detinham de aspectos masculinos de alto relevo na crise social de gêneros.

Partindo da concepção da importância dada ao gênero masculino (e a suas representações), em especial o nordestino, na sociedade, no início do

¹ O feminismo surge no final do século XIX, movimento que defendia o direito a mulher em participar igualmente na vida social, como os homens, buscando direitos políticos, educacionais e sociais de maneira geral. Suas primeiras conquistas iriam se consolidar no início do século XX, a partir desta data o movimento alcançou diversos espaços sociais. As informações podem encontradas no artigo: Lutas pelo feminismo em contextos rurais: a experiência de mulheres camponesas no nordeste do Brasil. Disponível em: < <http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/17redor/17redor/paper/viewFile/390/217>>. Acesso em: 30 nov. 2015.

século XX, o presente trabalho se propõe a destacar os tipos nordestinos encontrados nesta época em alguns romances regionalistas. Os personagens são identificados e considerados presumidamente como representantes dos tipos cangaceiro, retirante, coronel, matuto, sertanejo e jagunço. Estes, por sua vez, servirão para embasar este trabalho, de acordo com a conceituação geral definida no âmbito popular em que se propagaram estes tipos regionais. Citar-se-ão de forma breve as características regionais dos personagens: José Gomes **O cabeleira**; José Paulino – **Menino de engenho** (personagem presente também nas outras obras do ciclo de cana-de-açúcar); Arnaldo - **O sertanejo**; Fabiano – **Vidas secas**, de maneira a enfatizar seus traços nordestinos compostos por uma virilidade tida como natural. De modo acentuado o personagem Chico Bento será analisado a fim de demonstrar sua caracterização como um retirante oprimido pela sociedade, sofrendo preconceitos e desvantagens, e sobrevivente de uma crise de seca no sertão. Seria este um tipo regional de pouco prestígio e muito sofrimento. Nesta análise, busca-se compreender a representação do homem do sertão na literatura, sabendo que tal representação está atrelada à busca de superação da “crise do masculino” (crise do patriarcado) em meio à ameaça da emergência de um novo ordenamento social.

Vale salientar que o interesse e escolha do estudo sobre o personagem Chico Bento e sua representação no romance **O Quinze**, publicado em 1930, de Rachel de Queiróz, se devem aos estudos realizados durante o curso da disciplina “Literatura Comparada” no processo acadêmico da pesquisadora. Justifica-se pelo fato de i) ainda nos estudos realizados em sala de aula perceber-se a importância da composição do personagem regional enquanto semelhante aos tipos existentes na região nordeste, ii) a ligação próxima entre a representação literária e o imaginário sobre o retirante referido, e iii) a relevância da caracterização desse personagem para as análises aqui empreendidas.

Para o desenvolvimento desta pesquisa de ordem bibliográfica foi realizada uma pesquisa em livros e artigos com estudos referentes ao tema. A pesquisa bibliográfica se faz relevante a este trabalho, pois destaca os tipos nordestinos presentes em alguns romances regionais e a representação destes

na literatura. Para tanto, houve um embasamento teórico principal sob Albuquerque Júnior (2013), Oliveira (2005), Freyre (1987), entre outros.

Assim, o trabalho estrutura-se em três capítulos: o primeiro, intitulado “Apontamentos sobre gênero e virilidade no Nordeste”, dividido em duas partes, permite que descrevamos ao leitor o contexto social que influenciou e criou para o gênero masculino uma crise, na segunda são destacados tipos regionais nordestinos como referencial de virilidade, estereótipos aderentes aos “bons costumes” patriarcais e conservadores de culturas locais.

O segundo capítulo, intitulado “Romances regionalistas nordestinos”, destaca a presença de representações de tipos regionais na literatura, citando exemplos encontrados nos romances regionalistas e enfatizando suas caracterizações.

O terceiro e último capítulo, intitulado “A representação do gênero masculino em Chico Bento”, destinou-se a uma análise do personagem Chico Bento de forma a explicar suas características de retirante como tipo regional e sua representação de homem eugênico, caracterizando-o como um tipo de base para uma resposta à crise do gênero masculino.

1 APONTAMENTOS SOBRE GÊNERO E VIRILIDADE NO NORDESTE

Tendo por base os estudos de Albuquerque Júnior (2013) percebemos que os espaços sociais ocupados pelos homens nordestinos foram tradicionalmente diferenciados dos espaços sociais ocupados pelas mulheres. Mas, com a expansão de conhecimento e de conquista por parte das mulheres², houve várias transformações no modelo de família patriarcal, modelo este defendido pela igreja, que consistia em manter o homem como líder da família, sendo responsável por todas as decisões no que diz respeito à esposa, filhos e dependentes em geral. A configuração que trazia os gêneros na sociedade até meados do século XIX, era a mesma que garantia ao homem a sua estadia em um parâmetro diferenciado.

No início do século XX, as mulheres nordestinas, realizando novas conquistas, abriam mão de algumas funções que desempenhavam no âmbito familiar. Era preciso definir o que fazer para tal formação não ser abalada ao ponto de desestruturar a sociedade.

Várias foram as tentativas de deter estas mudanças³, por parte da imprensa que era influenciada por cronistas e estudiosos renomados da época e que levava as informações às elites existentes, e também pela igreja. Mas, independente do que houvesse, a sociedade mudava, ratificando os direitos das mulheres e modificando todos aqueles que delas dependiam.

No campo embora o nivelamento entre gêneros perdurava mais, apesar disso, no convívio com homens "insuficientemente viris", as mulheres se

² As mulheres conquistavam pouco a pouco o direito ao estudo, conhecimento, voto. Este refinamento nas mesmas capacitava-as de autonomia em não depender mais do outro gênero para o sustento, por exemplo. Com isto o anseio por obter novas conquistas aumentava à medida que iriam crescendo no âmbito social, nivelando aos poucos seus direitos sociais participativos.

³ Do ponto de vista das imagens, símbolos e representações sociais, a mulher e o feminino apareciam como o outro pólo, a alteridade do masculino. Assim, a autêntica feminilidade surgia como o inverso a masculinidade: delicadeza, beleza sensual, comedimento público e fragilidade. Todas essas características figuravam como o modelo oposto do heroico masculino e consagravam a ideia segundo a qual quanto mais feminina a mulher e mais masculino o homem, tanto mais saudáveis a sociedade e o Estado, preceito que apontava para a necessidade de que houvesse uma separação entre os sexos de modo tal que se pudesse indicar com precisão características e comportamentos típicos de cada gênero (Oliveira, 2004, p. 73).

detinham a explorar ao máximo sua capacidade de administração. Na falha do "homem viril", a mulher disposta a assumir tarefas até então masculinas seria uma solução. A esse respeito, Albuquerque Júnior (2013, p.50) afirma: "Casadas com esses homens moles, desfibrados, sem iniciativa, muitos entregue ao jogo, à bebida e à frequência de dancings e cabarés, para não ficarem completamente na miséria assumem o controle da casa".

Nos anos 20, a palavra preferida seria a mudança nos âmbitos sociais, culturais e políticos. Segundo Albuquerque Júnior (2013), a partir da percepção do que seria a chegada da desvirilização do homem do campo, notadamente nas cidades do Nordeste, que era tido como lugar másculo, observou-se a transformação dos homens na sociedade e o surgimento de homens desvinculados com a força bruta como os chamados "almofadinhas", estilo mauricinhos⁴. O refinamento que os estudos davam aos filhos de barões rurais, formados como bacharéis, iria torná-los inaptos aos costumes rurais, quando regressavam as suas casas. Nesta época, o intelectual que possuía estudo era visto como incapaz de efetuar tarefas viris, visto que este demonstrava uma sensibilidade semelhante à mulher. Estes acontecimentos estão presentes como tema na trilogia: **Menino de Engenho, Doidinho e Banguê**, neste último com maior frequência.

Existia, além da influência da conquista de direitos por parte das mulheres na vida dos homens, a transformação do campo influenciado de forma gradativa pela urbanização. As capitais, que costumavam receber costumes externos, vindos de outros países, inovação e mudanças de hábito, passaram a invadir o espaço rural, modificando seu significado e, conseqüentemente, seus habitantes. Neste, também se percebeu mudanças: o transporte, antes feito por cavalos, que representava a virilidade do homem ao dominar o animal montando-o, agora competia com automóveis; máquinas eram equipadas para facilitar ao máximo o deslocamento e o conforto ao homem, desvirilizando a sua essência; linhas férreas impactaram a natureza. Nessa relação com este novo meio de transporte que trazia modernização, sentiu-se a transformação dos seus principais costumes. O temor à fome e à

⁴ Classe de rapazes com costumes de classe elevada. Possuíam interesses a costumes urbanos e não detinham características do homem do campo como as caracterizações físicas por exemplo.

seca não mais abalavam os habitantes da nova e moderna sociedade, visto que eles não exerciam os mesmos costumes nem tinham mais o mesmo contato com o sertão. A modernidade trazia, segundo conservadores, para os descendentes dos homens viris, uma vida fácil, sem esforço, aconchegada nos novos costumes. Isso se tornou motivo de preocupação para aqueles.

A reafirmação dos papéis que combatem a imagem da "mulher masculinizada" e do "homem fragilizado" era considerada como importante para a sociedade ter uma relação saudável enquanto família, haja vista a insegurança sentida pelos machos ao partilharem dessa nova fase tomada de poder pelas mulheres.

Nesse sentido, a melhor maneira seria buscar nos homens os aspectos viris que lhes davam o poder, a capacidade de domínio e razão para melhor participação nos âmbitos políticos, culturais, sociais e familiares. Para que esta reversão fosse possível, se fazia necessário ter como base um tipo regionalista que disponibilizasse de tais traços. Tamanha valentia só seria encontrada no tipo destacado como possuidor de características ainda rudes, formado pela educação do campo e da natureza, e estas o macho nordestino detinha fundada na luta contra a seca e a fome, basicamente. Diante desta busca por resgatar papéis tradicionais de gênero no contexto do Nordeste, explicitaremos alguns dos tipos regionais nordestinos, que enfatizam nas suas características aspectos masculinos.

1.1 TIPOS NORDESTINOS

A denominação **nordestino** surgiu em meados das primeiras décadas do séc. XX, tendo como principal fonte os estereótipos do nordeste. Palavra usada para nomear os habitantes de algumas cidades, como afirma Albuquerque Júnior (2013, p.137): “O termo nordestino aparece para nomear os habitantes de uma área inicialmente compreendida entre os estados de Alagoas e Ceará, sendo às vezes aplicado para nomear também os habitantes do Piauí e Maranhão, com menor frequência.” Por estar sempre ligado à seca e

à crise da lavoura, o Nordeste deixa como herança ao nordestino essa referência, o homem que lutava desbravadamente, sobretudo para sua sobrevivência.

Conforme Albuquerque Júnior (2013), a definição marcada por um tipo regional, que tendia a representar habitantes não só de um estado, mas de vários, foi elaborada e defendida por um grupo que se formou em meados dos anos 20. O Centro Regionalista do Nordeste, que teve como principal idealizador Gilberto Freyre, buscou reunir os homens de maior prestígio, políticos e intelectuais dos estados interessados, para expandirem os conceitos de nordeste e nordestinos, como forma de ênfase às suas definições programadas. Para isso, houve diversos movimentos como congressos, conferências e produções intelectuais que relatavam o que havia de mais regional no nordestino. Com isso, a representatividade do nordestino como brasileiro só se expandia. Como forma de melhor enfatizar o regionalismo nordestino, que se baseava na essência do nordestino, foram organizados pelo Centro Regionalista do Nordeste passeios para visitantes que abrangiam lugares típicos da região como cidades históricas, engenhos velhos, igrejas e também exposições de artes plásticas. Todas estas manifestações tinham como propósito uma melhor propagação da imagem do tipo nordestino como um homem aquém da modernidade e de seus deleites, muito fiel aos costumes patriarcais: uma fonte de virilidade do homem.

Como principal divulgador do regionalismo nordestino, se destacava o Diário de Pernambuco. Contendo artigos escritos por defensores da causa, mostrava aos leitores o quão era ideal e contagiante o nordestino, divulgando as representações dessa identidade.

Este tipo regional nordestino, conforme os idealizadores do Centro supracitado, foi montado com uma caracterização de personalidade e fisionomia regionais, incentivando as pessoas a assumirem-se enquanto nordestinos, adotando a sua própria cultura e arte. Com essa influência, procurava-se substituir os costumes da sociedade, enquanto nordestina, de admirar o estrangeiro e começar a admirar o que a região lhe fornecia, especialmente os tipos nordestinos que possuíam uma caracterização mental e física únicas. Deste modo, a sociedade deveria considerar moderadamente os

costumes vindos da vida moderna e readmitir os regionais tipicamente modificados, graças ao movimento regionalista e tradicionalista.

O surgimento da exaltação do homem nordestino evoca os costumes regionais nordestinos, que lapidariam o homem e faziam regressar o modelo patriarcal de macho, viril e dominante. Neste sentido, afirma Albuquerque Júnior (2013, p. 150):

Um homem de costumes conservadores, rústicos, ásperos, masculinos. O nordestino é definido como um macho capaz de resgatar aquele patriarcalismo em crise, um ser viril capaz de retirar a região de passividade e subserviência em que se encontrava.

Assim, a sociedade voltaria a ser embasada na organização patriarcal que privilegia as ordens, vontades e valores dos homens.

Para esse resgate de virilidade acontecer, o tipo nordestino emergido se baseia na unificação e representação dos vários tipos de homens habitantes do nordeste como sertanejo, cangaceiro, coronel, vaqueiro, matuto, retirante, absorvendo o que havia de comum em todos.

Diante de uma natureza ríspida, necessitada de água para manter-se digna de garantir a seus habitantes um mínimo de chances de sobrevivência, natureza do campo, questionada pelas autoridades desde sempre sem nenhuma ação concreta, os tipos nordestinos encontrados no sertão são exemplos de sobreviventes de uma vida dura. Sendo exemplares regionais, estes se destacam na sua desbravação da caatinga, convertendo-se em modelos de masculinidade.

Com o passar dos costumes e tradições aos descendentes, a cultura popular se constitui rica e extremamente importante para transmitir histórias ricas deste conhecimento. Neste sentido, os tipos nordestinos são destacados por também estarem presentes na cultura popular representado no imaginário das pessoas com características próprias e gerais, sendo memoráveis de uma forma tradicional. Como exemplo destas características conservadas na cultura popular, podemos citar alguns destes tipos representativos do sertão:

O **sertanejo** é um dos tipos nordestinos mais afeiçoados à terra. Isso porque ela produz seus mantimentos, como alimentos para si e sua criação, e também é o motivo de sua existência, visto que o mesmo não se vê

trabalhando em outra atividade. Deixando-se apegar ao mais indefeso animal existente no campo e as paisagens, desde as verdejantes, na época da chuva, como as mais secas árvores no tempo da seca, que prevalecem na caatinga. Ele se faz forte a todo tempo para encarar as mazelas e amarguras da vida dura no sertão. Em geral, sua capacidade de dedicação à terra expressa sua dependência dela. Em um âmbito regional, o sertanejo também poderia ser definido como um homem que labuta na terra, com a terra e para a terra. Seus meios naturais e sua ausência de ambição colocam-no num estadal comum do nordestino, que luta apenas para sobreviver. Suas vestes sertanejas, acompanhadas em geral de um violão, carregavam a tradição das cantorias nas fazendas. A sua rudeza não era empecilho para as diversões nas atividades mais simples e cotidianas.

Outro exemplo de tipo regional nordestino, segundo Albuquerque Júnior (2013), é o **cangaceiro**. Forjado por motivos de disputa territorial com outras famílias, em confronto com o poder das tropas oficiais pertencentes ao governo, e também na disputa com os jagunços das fazendas, estaria marcado pelas sangrentas batalhas. Contudo, tais bandos enfrentavam além da guerra com os homens, à seca do nordeste. Todavia, levavam consigo seus pertences, incluindo ouro, prata e dinheiro tomados nas invasões das cidades. Possuíam roupas de couro curtido, armas em formato de facas compridas, conhecidas como peixeiras, rifles, punhais e cada um carregava-as junto ao corpo com muita munição. Marco grande neste contexto foram os nomes de Antônio Silvino, Lampião e Corisco.

O **jagunço** nordestino se caracterizava por portar elementos mais ligados ao cangaço como a arma de fogo. Sobrevivente, que não apresentava interesse em cultivar na terra ou criar animais, sua principal tarefa era prestar serviços, a seu próprio interesse ou a outros interessados, como a proteção de bens como fazendas, objetos de valor e familiares. Encontramos também denominados de capangas nas obras literárias. Seu caráter indomável fazia com que este fosse tratado como um bicho que obedece, mas não merece confiança.

Já o tipo **vaqueiro** se destaca como sendo um dos mais importantes serviçais da fazenda, tendo como principal tarefa o trabalho árduo e contínuo com o gado, dando-lhe desde a alimentação, vacinação e marcação com ferros

até aos cuidados veterinários. Sua rotina de adentrar na mata sozinho, a cavalo, à procura do gado, trazer o rebanho por completo até o curral, apartar os bezerros à tardinha e no outro dia cedinho tirar o leite das vacas, lhe definia. Sempre pronto a levar o gado onde existisse melhor pasto e bebedouro, equipado de roupas de couro cru curtido, chapéu, esporas e um bom cavalo. Além destas tarefas, era responsável por manter o restante da fazenda em ordem, prestando manutenção em cercas, currais e mantimentos para alimentação do rebanho. A sua rusticidade era imensa no seu manejo com os animais, mas ainda assim seu amor e dedicação pelo que fazia só aumentava.

Como demonstração de força, era comum os **vaqueiros** participarem de competições culturais que exigiam rapidez, inteligência e prática, como as pegadas de boi no mato e as tradicionais vaquejadas regionais. O prestígio alcançado nestas competições lhe aumentava o orgulho e o ego.

Sendo um caipira por natureza, que assim como o **sertanejo**, retira da terra toda justificativa de sua existência, o **matuto** se destaca como representatividade de homem natural. Sua ignorância na fala e desconhecimento da escrita não lhe causam prejuízos na sua vida simples. Tem no seu dia-a-dia o ritmo da natureza, cultivando os costumes mais simples e rudes, como o da dose de cachaça depois do dia de trabalho, a soneca meio-dia estirado numa rede, o cigarro de palha, e as vestimentas de caipira como a bota, camisa de manga longa e chapéu.

Como os demais tipos a figura do **coronel** também alcança uma representatividade estereotipada do sertão, principalmente na época da República Velha. Possuía determinado poder nas mãos e comandava tudo ao seu redor. O **coronel** era geralmente alicerçado por ter terras, ser latifundiário e político. Como de costume, ao redor das grandes fazendas, várias famílias humildes se alojavam, sendo dependentes de tais coronéis. Não detinha de muitos traços físicos de desbravação, apenas vestimentas locais, pois só comandava seus empregados. No entanto, suas atitudes eram rudes, viris, firmes e inquestionáveis.

Enquanto o **retirante**, sendo um caipira que cuida da terra e do gado alheios, não tem nada propriamente seu e depende totalmente da benfeitoria do clima, como a chuva, para continuar empregado. Quando sem trabalho, é obrigado a partir em busca de melhores condições de vida em terras distantes.

Carrega consigo os costumes regionais nordestinos. Caracteriza-se como um bom caipira trajando botas, calças e camisas longas, além dos acessórios adequados para lidar com o gado, como calças e jaquetas de couro curtido. Mesmo sendo rude, bravo, varonil e tendo pouco acesso a qualquer tipo de estudo, o **retirante** era dependente de outros no tocante ao ler e escrever. No geral, sempre foi um homem humilde, sem ambições.

Estes tipos nordestinos que existiram e ainda existem no nosso sertão foram muito bem representados em tantas obras literárias regionais da década de 1920 até os dias atuais, que buscaram retratar o que havia de característica regional nos variados personagens criados dentro do campo da literatura. São muitas as obras que relatam personagens característicos do sertão nordestino, todas elas contendo sua relevante particularidade e importância. Como principal fonte de representação dos estereótipos nordestinos que desbravaram o sertão, as obras da década de 1930 ganham um maior teor por terem embasamento no marco histórico da grande seca desta década, como *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, que traz a representação do retirante sofrido. Este por sua vez será analisado de forma enfática no terceiro capítulo.

Os tipos nordestinos acima são caracterizados de forma individuais, mas não se distinguem de forma absoluta um dos outros, pois em geral partilham de condições culturais e sociais semelhantes. Consideramos estes destacados como estereótipos regionais que teriam permanecido com tais características no conceito popular a estes direcionado. Como forma de enfatizar tais características, no capítulo seguinte serão enfatizados personagens de algumas obras que trariam em suas caracterizações aspectos dos tipos nordestinos localizados também no imaginário popular.

2 ROMANCES REGIONALISTAS NORDESTINOS

No campo da literatura existe uma variedade de obras regionais, sendo elas fontes importantes de propagação da cultura e realidade social encontrada no sertão nordestino. Além de caracterizarem perfeitamente estereótipos nordestinos, como veremos adiante, os autores regionalistas retratavam com verossimilhança a crise que existia no sertão; no tocante à lavoura, à seca, e às particulares batalhas enfrentadas pelos personagens a cada cena descrita, de acordo com sua função. Albuquerque Júnior, 2013, p.139 afirma que “o Nordeste é então inventado como espaço regional. Inicialmente o termo aparece sempre vinculado aos dois temas que mobilizavam as elites desta área do país, naquele momento, e que fizeram emergir a ideia de Nordeste: a seca e a crise da lavoura”. Assim, inicialmente, o nordestino será baseado na seca e a crise na lavoura, sendo estas as suas principais referências.

Na literatura regional nordestina no início do século XX, encontramos características próprias da região, como costumes deixados pelas famílias antecedentes e tradições que passaram de geração a geração como festas locais, religiosidade nas casas e paróquias da região com seus cultos e peregrinações por homenagem a diversos santos. Além dessas características, existem outras condições, da terra e do clima que se perpetuaram, continuando assim a influenciar na caracterização do homem nordestino. A luta contra a seca e a busca de melhorias para a terra cultivada, incluindo a criação de gado, cabras e aves, foram imensamente relatados nessas obras.

O romance regionalista nordestino, por exemplo, foi estruturado em suas narrativas respeitando os aspectos sociais regionais da época retratada. Este é construído de forma a equiparar situações existentes que caracterizaram não só um indivíduo, mas uma classe. Sendo assim, pode ser caracterizado como romance social, em que o “romancista quase inconscientemente “racionaliza” algum “aspecto” ou “estado” social de civilização ou de cultura, por ele mais agudamente sentido ou observado” (FREYRE, 1990, p. 84). Ao escrever um romance regionalista nordestino, o autor torna evidente aspectos sociais por ele identificado, e que marcam o que há de especial na vida do personagem, a fim de transmitir ao leitor a máxima verossimilhança à narrativa, mostrando a

paisagem, a cultura e os aspectos sociais que, de alguma forma, fazem parte do personagem como o “nordestino”.

Freyre, (1990. p.144), em vista do romance nordestino, afirma que “foi precedido por uma interpretação dinamicamente inter-regional do Brasil, partida do Nordeste, através de ensaios aparentemente só literários.” Para o autor supracitado, o romance nordestino veio a se expandir não por acaso, mas pelo modo como foi construído, pela representação convicta, sendo bravo pela luta de independência colonial, mostrando a capacidade dos seus autores, destacando aspectos sociais ricamente detalhados que abrangeriam desde o Nordeste à extensão do país, com o decorrer do seu conhecimento e divulgação.

2.1 ALGUNS TIPOS NORDESTINOS REPRESENTADOS EM OBRAS REGIONAIS NORDESTINAS

Vários foram os personagens importantes no cenário da literatura regionalista. Construídos com uma profundidade admirável e contendo características verdadeiramente regionais nordestinas. Diante da vasta coleção de personagens nordestinos que a literatura nos oferece, escolhemos apenas alguns como forma de enfatizar os tipos nordestinos representados na literatura. Não por serem mais importantes, mas por apresentarem relevância considerável para este trabalho.

Como um dos principais autores que enfatizaram alguns dos tipos regionais nordestinos em suas narrativas, José de Alencar (1829 – 1877) nos presenteia com a obra **O sertanejo**, publicada em 1875, que trouxe essências do campo nordestino. Arnaldo, o personagem principal, enaltece os traços do bom vaqueiro, rude, valente, protetor da família de seu patrão, do gado, capaz de alcançar façanhas com sua coragem e bravura, ao mesmo tempo em que tem em seu pensamento o desejo pelo amor verdadeiro cultivado desde a infância.

Era o viajante moço de vinte anos, de estatura regular, ágil, e delgado do talhe. Sombrea-lhe o rosto, queimado pelo sol, um buço negro como os compridos cabelos que anelavam-se pelo pescoço. Seus olhos, rasgados e vívidos, dardejavam as veemências de um coração indomável (ALENCAR, 1955, p. 5).

Neste personagem há destaque, além de sua caracterização física por ser veemente um vaqueiro rude, a sua caracterização mental que se servia dos sentimentos mais admiráveis, este conjunto de qualidades enfatiza a definição deste tipo nordestino no conceito popular.

Outro exemplo a ser citado é Franklin Távora (1842 – 1888), que tem um alto reconhecimento na literatura regional, escritor da obra regionalista **O cabeleira** (1876). Trata-se de um romance regionalista nordestino situado na região do Pernambuco, que narra a história de José Gomes, uma criança incitada à violência desde cedo pelo pai. Apesar da mãe tentar protegê-lo, ele se torna um homem assassino e impiedoso, capaz de atacar qualquer pessoa, visando apenas seu próprio interesse. Um cangaceiro que não teve outras oportunidades oferecidas pela sociedade e tornou-se um criminoso destemido, rude, cruel, que andava junto com seu bando a atacar comunidades carentes ou não, a fim de conquistar dinheiro, poder, ou apenas para ter o prazer de ser cruel.

Cabeleira podia ter vinte e dois anos. A natureza o havia dotado com vigorosas formas. Sua fronte era estreita, os olhos pretos e lânguidos, o nariz pouco desenvolvido, os lábios delgados como os de um menino. É de notar que a fisionomia deste mancebo, velho na prática do crime, tinha uma expressão de insinuante e jovial candidez (TAVORA, 2005, p. 27).

Mesmo sendo jovem para estar dentro das práticas do crime, ele possuía um corpo extremamente vantajoso, com a força necessária para tais feitos, o que lhe dava mais uma razão para continuar nessa empreitada de cangaceiro, matando e roubando onde quisesse. Sua representação rude e violenta equivale à conceituação tradicional popular. Só iria deixar tais comportamentos quando reencontrasse um amor verdadeiro do passado na infância, chamado Luisinha. Como única forma de redenção a esta vida de práticas cruéis, o amor se torna a fonte de mudança para o cangaceiro desta obra. Mesmo tendo sido moldado desde cedo a praticas atos de criminalidade

o sentimento forte por uma moça de boa conduta o faz repensar suas práticas e prometer não mais cometê-las.

Já em 1928 é publicado o romance regionalista **A bagaceira**, do autor José Américo de Almeida (1887 - 1980), que representava outros tipos regionais nordestinos, como a figura do coronel no personagem Dagoberto, o sertanejo enfatizado na obra, no decorrer do sertão buscando sempre a sua sobrevivência durante a temporada de seca nordestina. Principal personagem nesta caracterização é Valentim Pereira, um sertanejo ativo, de bom caráter e que preza e cumpre as leis do sertão, lavando a honra de sua filha, matando o desrespeitador.

Dentro dos romances regionalistas nordestinos existem aqueles que englobam além da seca, o grande marco do ciclo de cana-de-açúcar no nordeste. Como exemplo, temos a obra **Menino de engenho** (1932), de José Lins do Rego (1901 – 1957). Neste enredo, aborda-se o grande poder do senhor de engenho, a cultura local, as mudanças na fazenda, o sofrimento dos negros, bem como toda a rotina dos engenhos. Mas é narrado e descrito pelo narrador-personagem Carlos. Nota-se sua admiração e repulsão por alguns acontecimentos quando destaca o que havia de tempos bons e ruins no engenho.

Meu avô me levava sempre em suas visitas de corregedor de terras de seu engenho. Ia ver de perto os seus moradores, dar uma visita de senhor nos seus campos. O velho José Paulino gostava de percorrer a sua propriedade, de andá-la canto por canto, entrar pelas suas matas, olhar as suas nascentes, saber das precisões de seu povo, dar os seus gritos de chefe, ouvir queixas e implantar a ordem (REGO, 2013, p.57).

O coronel é destacado como estereótipo nordestino na obra condizente com o tipo conceitual relatado no capítulo anterior. Sua função era de conduzir tudo pela ordem que dava aos empregados, acompanhando tudo de perto e corrigindo o necessário, dando assistência aos seus dependentes, o que o caracterizava como homem destemido, autoritário, valente.

Em 1938 é publicado mais um romance regionalista nordestino do já renomado Graciliano Ramos (1892 - 1953), **Vidas Secas** (2003), vindo com o principal intuito de mostrar o sofrimento da família de um retirante que, sem muito estudo, é obrigado a partir de tempos em tempos a procura de melhores

condições para enfrentar a seca do sertão. Tendo como representante de tal classe o vaqueiro Fabiano, homem sem estudo que segue seu instinto e, por isso, chega às vezes a confundir-se com um animal. O castigo da seca é um papel de parede que está presente desde o início até o fim da obra, motivando tudo o que acontece com o sertanejo e sua família. Ele é caracterizado como um homem viril, com conhecimentos de mundo para a sua lida na roça, com gado, porém sempre discriminado pela sociedade. Isso o influenciava na sua própria crença em si mesmo.

– Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta. Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo-o falar só. E, pensando bem, ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. Vermelho, queimado, tinha os olhos azuis, a barba e os cabelos ruivos; mas como vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra. (RAMOS, 2003, p.18).

Sua aparência era de um ser bruto, rude, tosco, caracterizado apenas para atividades campestres. Sua personalidade forte o fazia resistente às crises no campo, dando apoio à família que, de miserável, não tinha nem o que comer, mas sonhava com dias melhores mesmo na certeza de condições carentes e difíceis. Um retirante que vivia o drama da sobrevivência em meio ao sertão castigado, condizente com os aspectos gerais conservados no imaginário popular.

O homem nordestino abrangendo todos os tipos característicos da região sertaneja, traz consigo a virilidade do macho, essencial para uma sociedade equilibrada. Sendo estes, eugênico, telúrico e rústico⁵ a depender de sua caracterização.

A eficácia simbólica da masculinidade se mantém por meio dessas vivências interacionais masculinas, sua seiva comunicacional. Através delas um consenso do que é o masculino é continuamente reproduzido, modelando a conduta e os comportamentos dos agentes que reafirmam a estrutura

⁵ Três tipos de homens que caracterizariam ou poderiam ter caracterizado os estereótipos nordestinos. No discurso de base eugenista, considera-se que toda a modificação no homem, sua progressão, estaria ligada diretamente as seleções biológicas, realizadas naturalmente por meio da natureza. No discurso telúrico, apreciava-se a teoria de formação física e psicológica dos habitantes de um determinado espaço por meio da constituição deste. E a caracterização do homem rústico se daria como resultado de descendentes de raças cruzadas, formado com características altivas, resistentes, fortes, valentes. Ver Albuquerque Júnior (2013, p. 153-186).

da configuração social que a sustenta (OLIVEIRA, 2004, p. 288).

O que antes era individual, como o sertanejo, agora passaria ao coletivo. As qualidades transferidas pelas gerações davam condições para estes habitantes crescerem forjados no mais difícil nível de sobrevivência pela vida. E isto os faria tão fortes como únicos. Como forma de enfatizar uma das vastas representações de homem nordestino, iremos focar sobre um tipo particular que abrange características regionais nordestinas transpassadas no personagem Chico Bento como retirante e antes disso como vaqueiro, retratando sua vivência e enfatizando sua representação, como influente para o gênero masculino da época.

3 A REPRESENTAÇÃO DO GÊNERO MASCULINO EM CHICO BENTO

Inicialmente, vale ressaltar que a autora de **O Quinze**, Rachel de Queiroz (1910 – 2003), foi a primeira mulher brasileira a integrar a Academia Brasileira de Letras. Este romance nordestino, foi sua primeira obra, datada de 1930, e surpreendeu a todos pela riqueza estilística da autora, já que esta tinha apenas vinte anos quando publicou a obra. Além de ser uma renomada romancista regionalista nordestina, foi também cronista, jornalista, tradutora e dramaturga. Suas obras proporcionaram grandes prêmios como resultado de sua capacidade literária como o Prêmio da Fundação Graça Aranha.

Nas várias representações do homem nordestino na literatura brasileira, identificamos diferenças, sendo alguns representados de maneira mais viril, destemidos e outros sofridos, castigados. Essas representações nos mostram um pouco da diversidade do homem nordestino, com realidades bem diferentes e subjetivas. Entre tantas obras, escolhemos **O Quinze**, de Rachel de Queiroz, para análise, visto que ele contém em seu enredo personagens que representam tipos de homens nordestinos. Dentre estes, abordamos em Chico Bento.

3.1 ENREDO E FOCO NARRATIVO

De forma sucinta, o romance **O Quinze** já inicia apresentando o período de estiagem, o período de chuva que abastecia o sertão que não chegava e a passagem das férias de Conceição, uma jovem estudiosa que tinha profundo interesse pelos direitos femininos, com sua avó Mãe Inácia, no Logradouro de Quixadá. Logo se percebe pela leitura uma atração entre Conceição e seu primo Vicente, um vaqueiro determinado a cuidar do seu gado enquanto tivesse condições. Ao contrário de Conceição, formada, educada, professora que tinha prazer em ler livros, ele não tinha o mesmo interesse do irmão pelos estudos. Era apenas um vaqueiro simples, tradicional, tosco e viril que amava a terra e os animais. Apesar de se sentirem atraídos um pelo outro,

eles nada tinham em comum. Com o decorrer da leitura, destaca-se o personagem Chico Bento e sua família, vaqueiro que cuidava do gado, das terras e vivia como morador de Dona Maroca. Sem condições de prender mais o gado por falta de alimentos e água, é ordenado a soltá-lo e assim perde o seu único emprego. Em certo momento do enredo a narração de toda a travessia da família de Chico Bento pelo sertão, que decide partir para a capital em busca de melhores condições para enfrentar a seca e de lá tentar buscar outra vida, menos sofrida, em outro lugar como o Amazonas. Outros personagens também buscam refúgio em outras regiões com mais assistência, como Mãe Inácia e a família de Vicente. O sofrimento de Chico Bento com a família se torna algo transfigurado no romance regionalista, retratando o pouco alimento na viagem, sua discriminação, sede, miséria, doenças e morte até a chegada ao seu destino são narrados em detalhes na obra.

O personagem Chico Bento tinha, além de si mesmo, a mulher (Cordulina) e mais cinco filhos (Josias, Pedro e Manuel-Duquinha e mais dois que não têm seus nomes citados) para prover. Ou seja, a família dele era dependente de seu trabalho para se sustentar, o que deixava a situação mais alarmante, passando ao leitor a severa realidade de pobreza da família, obrigada pela seca a abandonar o que tinha de garantia para seu sustento.

Quanto ao foco narrativo de **O Quinze**, podemos afirmar que o narrador é onisciente e, desse modo, a narração acontece de forma plena. O tempo se apresenta no enredo de forma cronológica, seguindo os acontecimentos numa sequência temporária predominantemente linear. Como personagens protagonistas destacam-se Chico Bento e outros. No entanto, a narrativa não deixa de mesclar histórias e descrever também a situação de Vicente e de outros personagens de relevante importância. Vicente, Chico Bento, Cordulina, Mãe Inácia e Conceição trazem em si características correspondentes aos tipos nordestinos como representantes da sociedade da época. Representam personagens planos, conforme Candido (2009), suas caracterizações são as mesmas e podem ser considerados símbolos do regionalismo da época. O espaço em que se passa a maioria das ações é o sertão. A seca seria a configuração desse espaço, modificando-o o quanto pode com a sua relevância para os que lá habitam.

3.2 CHICO BENTO EM SUA REPRESENTAÇÃO COMO RETIRANTE

Sendo um dos principais personagens da obra, rico em detalhes Chico Bento será analisado de forma a enfatizar traços do tipo nordestino. Mesmo sendo um personagem ficcional, o mesmo nos traz toda a caracterização do retirante regional nordestino, tal como foi delineado pelos regionalistas.

Esta análise consiste em salientar a representação de homem nordestino sofrido e ignorante, castigado pela seca e por todos os preconceituosos que cruzaram sua viagem. Como Chico Bento era um vaqueiro que sempre lidou com gado dos outros para sobreviver, ele se depara com uma seca muito impiedosa, que lhe obriga a soltar o gado que cuida para não vê-lo morrer sem pasto. A seca lhe condena a ir embora do sertão em busca do sonho de outro trabalho para sobreviver com sua família no norte do país, trabalhando com a borracha. Nesta migração, a família sente a “mudança”, pois para viajar não consegue passagens fornecidas pelo governo e é obrigada a seguir por caminhada o que contribui mais ainda para o aumento do sofrimento. Chico Bento tenta arranjar o máximo para a família, mas tudo que levam na viagem é farinha, rapadura, algum pedaço de criação e um animal para levar a bagagem e ajudar a carregar os meninos.

O retirante oprimido aparece na obra com traços de homem sofrido, fraco, dependente dos outros, sobrevivente do sertão, mas caracterizado com generosidade e disposição prestativa quando necessário. Ao se juntar com outros retirantes debaixo de um juazeiro, reparte com eles o restante de seus provimentos para os livrar de comer carne doente. “– Por isso não! Aí nas cargas eu tenho um resto de criação salgada que dá para nós. Rebolem essa porqueira pros urubus, que já é deles! Eu vou lá deixar um cristão comer bicho podre de mal, tendo um bocado no meu surrão!” (QUIEROZ, 2011, p. 40). Nesta citação, podemos identificar além da generosidade, também a solidariedade de Chico Bento com o próximo ao se preocupar com o que eles iriam comer. Mesmo possuindo pouco alimento até para sua família, prefere fazer a caridade de dividir o que tinha, ao ver alguém consumir “carniça de

animal doente”. A generosidade do personagem em ajudar o próximo, acentua o conceito imaginário popular de retirante, pois exprime a sua característica de ser humilde.

Chico Bento, logo no início da viagem, experimentaria o triste momento de se ver incapaz de conseguir algo para comer com a família. Além de não ter a quem recorrer por ajuda, ele também não tinha coragem de pedir como mendigo, pois ainda lhe restava algum orgulho que não permitiria tal gesto, como se vê na seguinte citação do livro.

Chico Bento estendeu o olhar faminto para a lata onde o leite subia, branco e fofo como um capucho... E a mão servil, acostumada à sujeição do trabalho, estendeu-se maquinalmente num pedido... mas a língua ainda orgulhosa endureceu na boca e não articulou a palavra humilhante. A vergonha da atitude nova o cobriu todo; o gesto esboçado se retraiu, passadas nervosas o afastaram (QUEIROZ, 2011, p. 49).

O vaqueiro acha humilhante o fato de pedir algo que teve durante sua vida até a pouco tempo, se vendo nessa situação de homem dependente da ajuda dos outros para ter o que comer e com sua família. O orgulho destacado na citação acima seria uma característica do retirante regional.

Refletindo sobre a ideia de Albuquerque Júnior, (2013, p. 211): “o nordestino é descrito como um homem centrado na vida familiar, um homem apegado à terra, contra a qual luta insistentemente.” Tomando como base esta posição identifica-se no personagem Chico Bento este apego à terra, ao gado, a sua família enquanto mulher e filhos, e tendo tanto apego pela terra em que vive, trabalha é que Chico Bento sente dor em deixá-la e em ter que abandonar a criação que cuida como mostra a citação a seguir:

E ao dar as costas, rumo a casa, de cabeça curvada como sob o peso do chapéu de couro, sentido nos olhos secos pela poeira e pelo sol uma frescura desacostumada e um penoso arquejar no peito largo, murmurou desoladamente: - Ó sorte, meu Deus! Comer cinza até cair morto de fome! (QUEIROZ, 2011, p. 20).

Vemos neta citação que depois de ter libertado o gado do curral, Chico Bento vai em direção a sua casa, pensativo com ar de tristeza, por não poder mais ficar ali cuidando do “seu” gado, chega a lagrimar seus olhos e palpitar

seu coração, tamanho é seu sentimento de amor pela terra e bichos. Fazendo-o chorar, atitude esta rara nestes homens rudes.

Enquanto viajava por terra com sua família, ele enfrentou diversos desafios que, por várias vezes, deixaram-no mais perto da morte, como a fome, a sede, o fracasso. Enfim, inúmeras situações que dificultaram sua travessia com a família, no sertão seco e escasso. Numa das passagens do livro, destacamos a fome que Chico Bento passou durante sua travessia, pois o pouco que conseguia durante a viagem, fazendo alguns trabalhos que raramente surgiam, não dava nem pra matar a fome das crianças: “Levantou-se, bebeu um gole na cabaça. A água fria, batendo no estômago limpo, deu-lhe uma pancada dolorosa. E novamente estendido de ilharga, inutilmente procurou dormir.” (QUEIROZ, 2011, p. 48). Este sofrimento “individual” no desafio de passar dificuldades, como a fome é uma das condições que o retirante do conceito imaginário popular também passava.

Durante sua travessia pelo sertão, Chico Bento sofreu também várias perdas, deixou sua cunhada por meio da viagem trabalhando para sobreviver, teve que se desfazer do animal que trazia com algumas bagagens, pois já estava muito magro e não aguentaria o resto da jornada. Mas a pior de suas perdas foi seu filho Josias, que se envenenou comendo uma mandioca crua arrancada da terra. Na tentativa de salvá-lo o pai traz para rezá-lo uma velha negra “rezadeira”, o que não adiantou. Não conseguindo salvá-lo e não tendo como fazer um funeral para seu filho, já que não possuía caixão nem lugar para levar, teve de deixá-lo enterrado, do lado da estrada apenas com uma cruz amarrada com dois paus encruzados.

Em meio a tanto sofrimento e perdas, o vaqueiro Chico Bento tentava arranjar algum trabalho, por meio do caminho, que desse para pagar algo para ele comer com a família. Como se descreve na citação seguinte: “Chico Bento, a custo, sujeitando-se às ocupações mais penosas, arranjava um cruzado, uma rapadura, algum litro de farinha.” (QUEIROZ, 2011, p. 62). Atitude esta que enfatiza bem a posição de submissão de Chico Bento e assemelha-o ao conceito popular, por depender de algo ou alguém para ter ao menos o que comer. Precisava o retirante se humilhar, para adquirir o que comer, mesmo sendo esta uma atitude que batia de frente com seu orgulho de ter sido independente, homem “autônomo” até certo ponto.

Analisamos no romance, que o personagem Chico Bento era oprimido, não só por causa da seca, mas muito mais pela sociedade em geral. A elite social da época tinha preconceitos com pessoas iguais ao vaqueiro nordestino, que não se vestiam bem, não possuíam estudo de alto padrão e não traziam dinheiro, o que resultava em desconsiderá-lo da sociedade, fazendo com que ele tivesse menos valor que uma simples cabra, morta para tentar amenizar a fome da família. Como notamos no trecho a seguir, o dono do animal prefere deixar Chico Bento e sua família morrerem de fome, do que dar um pedaço de carne da criação morta para saciar sua fome que naqueles prevalecia, jogando apenas as tripas sujas. “Não dou nada! Ladrão! Sem-vergonha! Cabra sem-vergonha! [...] – Tome! Só se for isto! A um diabo que faz uma desgraça como você fez, dar-se tripas é até demais!...”(QUEIROZ, 2011, p. 67). Infere-se que algumas pessoas tomadas por egoísmo e preconceito, não respeitavam o retirante, que na busca de melhoras, atravessava o sertão nordestino, com a necessidade de ajuda para sobreviver a esta viagem dolorosa, e que não tinha um rumo certo a não ser pela esperança dos retirantes que não os abandonava. O retirante era desprezado na tentativa de adquirir alimentos para suprir as necessidades básicas de comer e beber mínimas vezes ao dia durante a jornada de travessia.

A sorte de Chico Bento só mudou quando um velho compadre seu, que ocupava o cargo de delegado, o reconheceu quando o mesmo procurava encontrar seu filho Pedro que tinha sumido. Só aí ele pôs algo de comida digna no estômago desde que tinham partido. Embora não tenha conseguido achar o filho perdido, com a ajuda do compadre comeram, trocaram suas vestes e conseguiram embarcar em um trem para a capital. Para Chico Bento, só restava a essa altura da narrativa, sua mulher e mais três crianças, já que um de seus filhos teria morrido envenenado e o outro desaparecido. Por lá foram acolhidos por Conceição e colocados em um alojamento para retirantes. O personagem Chico Bento obteve ajuda para chegar a um lugar menos doloroso do que estava, ajudado não pela sociedade, mas por uma amiga que tinha compaixão do próximo e que conhecia a família, a jovem Conceição.

Ao final, o retirante alcançou seu objetivo depois de tantas barreiras atravessadas no decorrer da travessia do sertão. Iam para o destino tão sonhado e desejado onde sempre havia inverno.

3.3 A CARACTERIZAÇÃO DO HOMEM TELÚRICO NO PERSONAGEM CHICO BENTO

Durante a partida de Chico Bento e os demais que ainda integravam sua família, mesmo depois de ter passado por longas situações de desprezo, ainda encontramos uma fala que representa o preconceito da sociedade com relação ao retirante, no trecho a seguir: “– Tem gente pra tudo, neste mundo! Uma moça branca, tão bem pronta, chorar mode retirante!...” (QUEIROZ, 2011, p. 114). Podemos perceber a visão crítica da sociedade em relação ao retirante que viajava na tentativa de alcançar melhorias para si e sua família, como no caso do personagem Chico Bento. A sociedade não respeitava o retirante, que no tempo de seca era obrigado a ir embora à busca de tempos melhores para escapar desta, e acabava julgando aqueles que se sensibilizavam com a situação do mesmo. Ao olhar da elite da sociedade da época gente branca não se importava com tal tipo nordestino.

Essa submissão e tentativa de resistência à seca do personagem Chico Bento demonstra um nordestino telúrico, citado por Albuquerque Júnior (2013), mostra no seu conteúdo um vaqueiro moldado pelo meio, pois cresceu se tornando valente, acreditado nos ensinamentos e na cultura, ligado à religião da região, o que curava e tratava gado, apreciava as terras e os animais. Em uma adaptação à natureza lutava desde pequeno contra o meio, a seca, a aridez do meio físico em que vive para sobreviver. O meio influenciava diretamente na constituição do homem nordestino, sendo o Logradouro um pedaço do sertão abandonado por todas as entidades governamentais, não proporcionando a aquele qualquer recurso de base comunitária. Se existia algo moderno no sertão era por vontade de grandes senhores e apenas para sua família, tornando assim, o homem nordestino “retardatário, inativo, incapaz de contribuir para algum progresso” segundo alguns conservadores da época. Sendo injustiçado pela sociedade e pelo governo, o retirante, (no caso o vaqueiro regional nordestino) representado no personagem Chico Bento, tinha como escolha obrigatória a saída do meio que lhe trazia tanta tragédia, pois

mesmo sendo corajoso para a lida no campo, e tendo conhecimentos naturais suficientes para sua estadia naquele lugar sustentando sua família, fatores muito maiores que sua mísera existência cooperavam para sua decisão. A seca devastadora que arrasava o sertão nordestino deixou um trauma imenso no vaqueiro que apenas sonhava em viver com sua família fazendo o que cresceu na lida dos bichos, em especial a do gado.

Neste sentido, a caracterização do homem telúrico seria perceptível no personagem Chico Bento. Observe-se que o Nordeste

[...] teria um homem particular, teria um tipo étnico, um homem de uma índole ou caráter distinto, apresentando tradições culturais particulares, por ser marcado pela convivência com uma natureza áspera, árida, bruta, difícil, exigindo deste uma constante batalha pela vida. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 165).

Mesmo sendo pobre, calejado, lutador pela sua sorte no sertão cheio de dificuldades, as quais ele conhecia bem desde pequeno, decide ir em frente e não se abater por barreiras que apareciam em sua jornada, conseguindo a muito custo com altas perdas chegar a um lugar melhor de oportunidades de emprego. Continuava por preservar características próprias a seu caráter como a bondade e desprendimento de riquezas materiais destacadas também pelo conceito imaginário popular.

Chico Bento seria caracterizado como um tipo de homem telúrico por ter sido moldado, influenciado, transformado pelo meio em que cresceu, “o sertão”, ganhando traços próprios, individuais e particulares a sua existência que era baseada em costumes sociais regionais como cultura, política e religião. Tal configuração, tomando por base principal a “biogeografia”, fez dele um homem forte, valente, decidido pela razão e ao mesmo tempo submisso, sofrido, injustiçado. O vaqueiro regional nordestino Chico Bento é um personagem que representa tal grupo social, tendo características particulares como seu sofrimento, aflições, sua rotina, que já era influenciada desde seu nascimento determinando se seria um herdeiro ou um desbravador de sua própria sorte. E também detinha de caracterizações gerais como a sua lida com o gado, bem como seu conhecimento para curá-lo, o sentimento pelo rebanho e pela terra, e as suas vestimentas de trabalho. Podemos considerar esta

relação de ligação entre o personagem Chico Bento e o sertão, observando o seguinte:

[...] quando pensamos no enredo, pensamos simultaneamente nas personagens; quando pensamos nestas, pensamos simultaneamente na vida que vivem, nos problemas em que se enredam, na linha do seu destino – traçada conforme uma certa duração temporal, referida a determinadas condições de ambiente. (CANDIDO, 2005, p. 53).

O personagem Chico Bento, que é um vaqueiro nordestino, atravessa tantos desafios que ameaçavam sua própria existência. Percebe-se como o meio age, sendo o principal modificador de destino do mesmo.

Considerando as condições sociais da época que destratava o nordestino, os tipos nordestinos seriam relevantes para se fazer a reversão deste processo de discriminação. O romance **O Quinze** nos traz o enfoque de representação por um tipo regional, no caso do personagem Chico Bento, que mostra toda a sua luta em desbravar o sertão com condições mínimas e ao mesmo tempo incertas. A narrativa demonstra as qualidades do vaqueiro nordestino que, na condição de retirante, batalha por sua sobrevivência exaltando o tipo regionalista nordestino. Características abordadas no personagem são semelhantes ao que condiz o conceito popular imaginário, tornando a sua verossimilhança bastante relativa. O condicionamento de tipo de homem telúrico influenciado pelo meio, o embasa a representar o homem nordestino que vive em função do sertão e seus condicionamentos sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude das postulações dos teóricos sobre o tema, entende-se que a masculinidade se faz importante na sociedade como uma parte do equilíbrio entre os gêneros. No âmbito tradicional do Nordeste preservaram-se os tipos nordestinos tradicionais encontrados na região supracitada, pois os quais possuíam, nas suas caracterizações, aspectos essenciais para o fortalecimento do gênero masculino, sendo alguns destes a virilidade, força, o ser rude, varonil, desbravador que enfrentava os mais diversos desafios pela sobrevivência. Caracterizados, dependendo de sua condição social, como pertencente a definições correspondentes ao homem telúrico, eugênico ou rústico.

Na literatura, romances regionais apresentaram, com descrições pormenorizadas, tipos nordestinos embasados em representações tradicionais da cultura, política, religião, entre outros aspectos sociais. Cada personagem das narrativas expressa relevante semelhança com os aspectos transmitidos pelos tipos assimilados no conceito do imaginário popular e adequando-os a uma exigência existente na época. Chico Bento, não sendo essencialmente diferente dos demais, representa principalmente um, sendo este o retirante regional que busca sua libertação do sofrimento do sertão causado pela seca. As características percebidas neste, assim como as dos outros representantes, ajudaram a enfatizar as raízes da virilidade nordestina.

Como retirante, Chico Bento tem sua importância na obra como representante do gênero masculino. Sendo um romance regional, **O Quinze**, assim como as outras narrativas evidenciadas, constitui-se como uma riqueza explorável que neste estudo não conseguimos abranger, visto que foi dado ênfase apenas a um dos vários personagens encontrados na obra. No caso do romance de Rachel de Queiróz, haveria ainda inúmeros estudos relevantes sobre as marcas da masculinidade, englobando outros estudos tão estimulantes quanto este. Portanto, apesar de tentar resumir a importância das obras e do gênero masculino como foco principal, há ainda muito a ser explorado acerca desta relação.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino**: invenção do “falo”- uma história do gênero masculino. 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2013.
- ALENCAR, José de. **O sertanejo**. 5. ed. São Paulo. Disponível em: <http://www3.universia.com.br/conteudo/livros/O_sertanejo.pdf>. Acesso em: 03 out. 2015.
- CANDIDO, Antônio. **A personagem de ficção**. 11. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- COUTINHO, Afrânio. O regionalismo na ficção. In: _____. **A literatura no Brasil**: era modernista. v. VI. 7.ed. ver. e atual. São Paulo: Global, 2004.
- FREYRE, Gilberto. Em torno de alguns romances regionais. In: _____. **Vida, forma e cor**. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Record, 1987.
- LEMOS, Maria Alzira Brum. **O doutor e o jagunço**: ciências, mestiçagem e cultura em os sertões. Marília, SP: Ed. UNIMAR, 2000.
- LEITE, Lígia Chiappini Moraes. **O foco narrativo**. 11 ed. São Paulo: Ática, 2007.
- MACHADO, Regina Coeli Vieira. **Vaqueiro do Nordeste Brasileiro**. Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 10 jun. 2015.
- QUEIROZ, Rachel de. **O quinze**. 93. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.
- RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 89. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- REGO, José Lins do. **Menino de engenho**. 105. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.
- TÁVORA, Franklin. **O cabeleira**. São Paulo: Ed. Martin Claret Ltda., 2005. (Coleção a obra-prima de cada autor).